

## **Alfred Schütz e as redes sociais: conflito e civismo no Brasil contemporâneo<sup>1</sup>**

Manuel PETRIK<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

### **Resumo**

A emergência das redes sociais no país vem sendo alvo de diferentes estudos acadêmicos, muitos dos quais centrados nas manifestações de ódio, deixando de lado outros aspectos relevantes em conflitos interpessoais. Os recentes episódios políticos do país ascenderam debates, controvérsias e polêmicas sustentadas pelos usuários dessas redes de suporte virtual. Entende-se essas manifestações como reveladoras de significados mais amplos no campo da socialidade e, a fim de melhor entendê-las, são analisados comentários no Facebook a partir dos pressupostos teóricos formulados por Alfred Schütz e Georg Simmel.

**Palavras-chave:** Facebook; redes sociais; conflito; polêmica.

### **1 Introdução**

O dramaturgo Nelson Rodrigues cunhou uma frase recorrente em suas crônicas jornalísticas no jornal *O Globo* na década de 1960: “O Brasil precisa ser feito e nós não o fazemos”. Transcorridos mais de 50 anos, ao observarmos as redes sociais no país, tem-se a nítida impressão que boa parte dos usuários tenha dado atenção a essa antiga provocação e levado a cabo seus projetos individuais para o país, ainda que meramente em manifestações efêmeras em suporte virtual.

A emergência das mídias sociais no Brasil vem despertando o interesse acadêmico, especialmente na área das Ciências Sociais Aplicadas. Violência simbólica e ódio têm sido os aspectos bastante contemplados em tais abordagens. O conflito em si, predecessor a essas duas instâncias extremadas, não figura como objeto preponderante nas análises, sendo que a atenção ao polemismo em torno de temas cruciais para os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 –Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS, bolsista Capes.

desígnios do país é absolutamente ausente na área. Inúmeras podem ser as causas para tal omissão. Sob o ponto de vista acadêmico e pela passionalidade envolvida, a versão mais cruenta dos embates, que aflui para a raiva e sentimentos radicais, torna-se um alvo mais palpável para preocupação de pesquisadores.

A falta de um suporte teórico mais evidente também explica essa ausência. O conflito em si não se revela só pela emoção, como é o caso do ódio e da violência, e sua abordagem demanda um aporte mais amplo. Como experiência intersubjetiva, pode ser entendida como uma face da realidade cotidiana e, assim, a sociologia de base fenomenológica de Alfred Schütz oferece-se como uma viável alternativa. Defendia o autor austríaco que “O mundo da vida cotidiana é a região em que cada indivíduo pode engajar a si mesmo e que o pode mudar enquanto opera nele pelos meios de seu organismo animado” (Schütz e Luckmann, 1973, p.3, tradução do autor<sup>3</sup>).

Para além do corpo físico, tal definição pode agora ser estendida ao entendimento das manifestações e ações do homem em suporte virtual em rede.<sup>4</sup> Nesse sentido, buscaremos compreender as necessidades do homem em realizar projetos, do nível cotidiano ao abstrato, como costumam ser as interações em redes sociais digitais, e os conflitos daí decorrentes. Intenta-se evidenciar aquela proposição de Georg Simmel segundo a qual o conflito “está destinado a resolver dualismo divergente; é um modo de conseguir unidade (1983, p. 122)”, unidade essa pela qual o Brasil debate-se agora.

Como ressalva Hermílio Santos (2012), “Entre os mais importantes e profícuos autores da sociologia no século XX, Alfred Schütz talvez seja o menos conhecido no Brasil”, ainda que tenha sido citado por autores relevantes das ciências sociais brasileiras e venha despertando maior interesse em “abordagens capazes de acrescentar conhecimentos acerca da realidade social brasileira partindo da perspectiva subjetiva dos atores”.

A despeito dos inúmeros pontos de contato, Schütz é um autor pouco explorado no campo da Comunicação. À exceção da obra de João Carlos Correia (2005), aparece apenas em alguns trabalhos ensaísticos (Lelo & Caminhas, 2013; Kieling, 2014) nessa área de conhecimento em língua portuguesa. O próprio conceito de comunicação

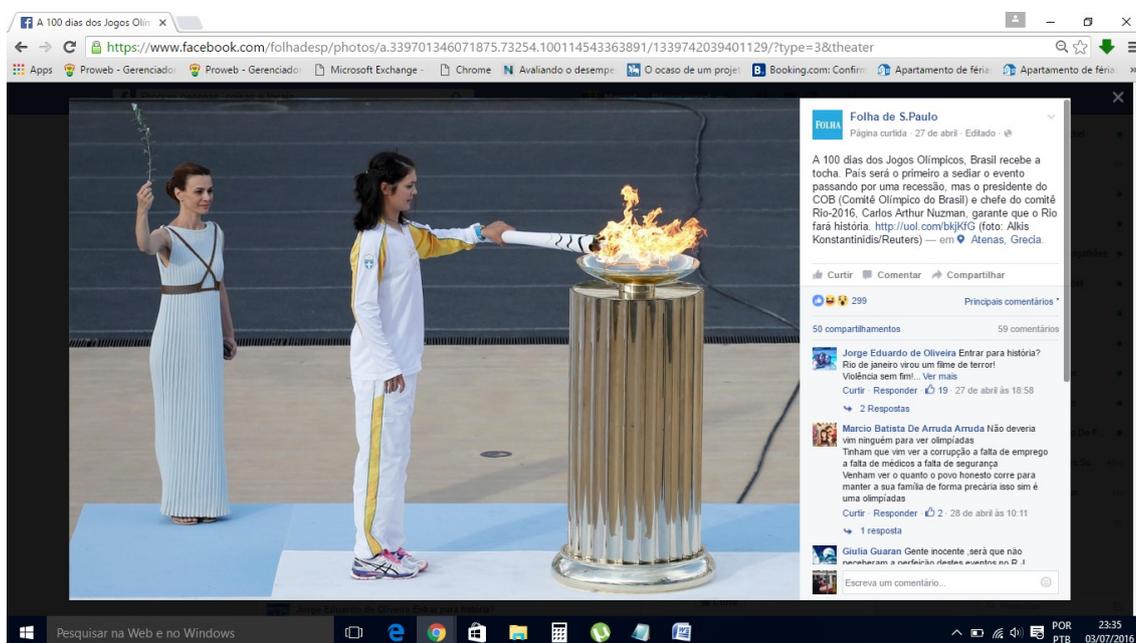
---

<sup>3</sup> “The everyday life-world is the region of reality in which man can engage himself and which he can change while he operates in it by means of his animate organism”.

<sup>4</sup> Alexander Halavais (2015) observa que “O cientista social de hoje se encontra diante de uma oportunidade magnífica. A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta. Os métodos empíricos e as teorias empíricas da metade do século XX parecem inadequados para desatar esse nó górdio.” Eis que, ao contrário do que diz uma teoria concebida justamente em meados do século passado se faz novamente atual.

(*commune - hic - actione*, em latim, o ato de tornar comum aqui) confunde-se com percepções schutzianas, se pensarmos que ela seria uma espécie de permanente câmbio de crenças, na qual o diálogo com nossos interlocutores se qualifica ou desvaloriza de acordo com o grau de crença que damos a eles e com o potencial de inovações trazidos no transcurso de cada conversa.

Neste texto, irá se confrontar as perspectivas teóricas de Schütz com uma postagem específica do perfil institucional do jornal Folha de São Paulo no Facebook. A publicação, do dia 27 de abril, retrata a chegada da tocha olímpica ao país<sup>5</sup>. O evento esportivo mundial deveria ser um momento de festa, mas confrontado com a conturbada realidade política atual, acaba gerando posicionamentos questionadores sobre o país, o que revela anseios de mudança mais profundos.



## 2 Projeto e temporalidade

Um enunciado é um projeto. A habilidade natural da fala do ser humano depende de um código estruturado, a linguagem, para que se realize plenamente. O ato de fala é composto, portanto, de início, por uma relação dialética entre uma capacidade biológica e a linguagem normatizada. Tal exemplo indica que há, no ser humano, uma proclividade à criação de referenciais ou uma tendência a orientar-se com e por intermédio deles.

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadesp/photos/a.339701346071875.73254.100114543363891/1339742039401129/?type=3&theater>, acesso em julho de 2016.

Peter Berger e Thomas Luckmann (2013), ao abordarem o processo de construção social da realidade e ampliarem as acepções de Schütz, enfatizam a necessidade do indivíduo de orientação por referências próximas, sendo os sistemas que lhe servem de base em si dotados de capacidade para formular hierarquias de prioridades. Além da linguagem, a própria consciência, como delimitação de percepção e de um campo para se agir, inclui-se nesse caso. “A consciência é sempre intencional. Sempre ‘tende para’ ou é dirigida para objetos. Nunca podemos apreender um suposto substrato da consciência enquanto tal, mas somente a consciência de tal ou qual coisa” (Berger e Luckmann, 1966/2013, p.37). A consciência teria, portanto, em sua essência, um viés de determinação por si própria, independente da coação de agentes externos como estruturas de poder ou de persuasão ideológica, ainda que tais fatores estejam permanentemente presentes.

O uso de uma tendência de pensamento é a solução natural para a sobrevivência cotidiana. À criação de categorias nas quais enquadrados situações, personagens, vivências e conhecimentos diversos Alfred Schütz chamou de “tipificação”. Seria a salvaguarda a que recorreremos para dar um contorno de proximidade ao novo, ao estranho e, até mesmo ao que se opõe a nós. A tipificação, para formular-se, é um gatilho que se aciona a partir de um “estoque de conhecimento”.

O estoque de conhecimento da vida mundana está relacionado de diversas formas com a situação experienciada pelo sujeito. É construído pelas sedimentações das experiências anteriores, ligadas a situações. Inversamente, cada experiência presente é inserida no fluxo das vivências e em uma biografia, de acordo com os diferentes tipos e relevâncias encontrados no estoque de conhecimento. (Schütz & Luckmann, 1973; p. 99-100, tradução do autor) <sup>67</sup>.

Um estoque de conhecimento, por mais cristalizado que esteja, é constantemente sujeito a abalos. O primeiro fator talvez seja espacial. “Em cada situação meu corpo atua como um centro de coordenação no mundo, com um acima e abaixo, direita e esquerda, e atrás e em frente” (Schütz & Luckmann, 1973; p.102). O espaço e, para além dele, o ambiente, são, pois, definidores e, mais do que dimensões físicas, predispositores ontológicos. Associado está o tempo, talvez com maior capacidade de coerção. “Eu vivencio a necessidade do tempo do mundo pela espera e subordinação das

<sup>6</sup> “The lifeworldly stock of knowledge is related in many ways to the situation of the experiencing subject. It is built on sedimentations of formerly actually present experiences that were bound to situations.”

<sup>7</sup> Pelos termos e noções empregadas (“mundo da vida”, “estoque de conhecimento”, “experiências”, “biografia”, “tipos” e “relevâncias”), esse pode ser considerado um parágrafo síntese do pensamento de Schütz, ainda que, a partir daí, muitos sejam os desdobramentos advindos.

minhas ações ao princípio de ‘primeiro as primeiras coisas’ ”(Schütz & Luckmann, 1973; p.100, tradução do autor<sup>8</sup>). Ou seja, qualquer ato demanda uma espacialidade para ocorrer e obedece uma aceleração natural do tempo para qualquer projeto anteriormente formulado, calcada na evidência de que prioridades são prioritárias. Essa estrutura permeia todo planejamento de ação, do mais simples, ao se despertar pela manhã, até formulações abstratas, como muitas vezes aquelas compartilhadas nas redes sociais, ainda que esse seja, em geral, um local mais propício à difusão de conhecimentos e percepções comuns. Berger e Luckmann bem resumem o fator constrangedor do tempo:

A mesma estrutura temporal, como já indicado, é coercitiva. Não posso inverter à vontade as sequências impostas por ela, ‘primeiro as primeiras coisas’ é um elemento essencial no meu conhecimento da vida cotidiana (...) Também a mesma estrutura temporal fornece a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana (Berger & Luckmann, 2013, p. 45).

Como dito, tempo, espaço e comunicação andam juntos. No que aqui está em contexto, a socialidade conflitiva nas redes sociais mediadas por computador, pode-se agregar outro, o algoritmo que dispõe as informações na página pessoal de cada usuário. Como se sabe, tal ordenamento não se dá de forma aleatória. Bem ao contrário, segue lógica própria, nunca evidente ao usuário, mas que se orienta a partir da vontade mercadológica do grupo empresarial que controla a plataforma, sobretudo baseado no transcurso do tempo, tão bem representado pelo termo *Timeline* que nomeia uma das seções do Facebook. Como já havia notado o historiador Harold Innis, “Um monopólio [*da técnica*] que acentua a disseminação mais rápida [*da informação*] causa uma profunda perturbação na sociedade “(2011, p.282). Isso, em parte, explica a profusão de debates-embates que ora se observam nas mídias sociais digitais no Brasil.

Passado, presente e futuro ligam-se inextricavelmente na temporalidade proposta por Schütz. Ao projetar cada ação (presente voltado ao futuro), avalio como ela se desenrolaria, baseado em experiências passadas e vislumbrando as possibilidades de êxito, numa simulação de ato concluído, como se já houvesse sido finalizada (“se fizesse isso, resultaria naquilo”). A Língua Portuguesa bem classifica tal situação, definindo esse tempo verbal como Futuro do Pretérito, algo até, aparentemente, contraditório, mas explicável pela complexidade das elucubrações da consciência. Como descreve Schütz, se me proponho a escrever uma carta,

---

<sup>8</sup> “I experience the necessity of world time in waiting and in subordination of my actions to the principle of ‘first things first’ ”.

---

Eu não posso simplesmente imaginar uma carta. Eu tenho a escolha de apenas poucas possibilidades, que conheço através da minha experiência prévia: caneta, lápis, máquina de escrever, cada uma tem em conta um horizonte de significação, que já foi anteriormente explicado (Schütz & Luckmann, 1973; p.20, tradução do autor<sup>9</sup>)

A questão do tempo em Schütz abre espaço para um debate sobre a percepção dos pós-modernos a respeito da contemporaneidade. Para essa corrente teórica, uma das principais diferenças entre modernidade e o modelo que a sucede dá-se pela alteração na percepção social do tempo. Na primeira, a orientação seria para o futuro, seguindo uma lógica do dever-ser voltada a um porvir intangível, idealizado desde a gênese. Vivia-se pelo projeto racionalmente orientado. Por essa concepção, na atualidade, vive-se um retorno ao presente, com predomínio do emocional sobre a razão. Esse enfoque, em verdade, não contempla a complexidade das múltiplas temporalidades que permeiam a existência e que, nos tempos atuais, ainda contam com o impulso tecnológico nas acelerações e nos arrefecimentos. Se as relações sociais se tornam cada vez mais complexas, só é possível entendê-las em plenitude pela dinâmica envolvida em tempos diversos.

Ainda sobre as probabilidades hipotéticas que podemos aventar sobre o que move os usuários de internet a se manifestarem sobre diferentes assuntos, uma tem forte relação com a multiplicidade temporal oferecida no processo de projeto/ elaboração/ publicação de uma postagem. O ato de escrever no presente um conteúdo que será público invariavelmente envolve a imaginação de um futuro que só será possível e, em parte, moldado pelas experiências passadas. Tal hábito, de escrever sobre assuntos públicos em redes sociais de suporte digital, tem um pouco do seu fascínio explicado por esse movimento catártico, baseado no presenteísmo, em se expressa um anseio de futuro, rememorando – intencionalmente ou não – o que já se viveu e experimentou e que, portanto, no âmbito afetivo, nos é próximo. Não há, então, por essa perspectiva, predomínio de uma determina temporalidade, ou mesmo a predeterminação a partir de um arcabouço de experiências estocadas. “Em resumo, por meio da atitude natural eu não ajo somente através de uma hierarquia de planos biograficamente determinados.

---

<sup>9</sup> “I Cannot mererly imagine a letter. I have the choice of only few possibilities, wich I know about through my previous experience: pen, pencil, typewriter, each of wich has in turn a horizon of meaning wich has already been explicated”.

Mais do que isso, eu vejo consequências típicas de meus atos que são apreendidas como típicas” (Schutz & Luckmann, 1973; p.20, tradução do autor<sup>10</sup>).

Como ato pessoal intersubjetivo, uma postagem em rede social, tanto as de caráter mais privado como as de domínio público, é uma reafirmação de si, com certo prazer envolvido, para a chancela ou o rechaço dos outros alhures que comigo estão em contato por meio digital. Assim, passamos das variáveis subjetivas para as sociais. Isso fica evidente em uma consideração do usuário J.E.O., quando questiona a afirmação do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Artur Nuzman, publicada na postagem da *Folha de São Paulo*, de que o Rio faria história.



**JEO** Entrar para história?

Rio de janeiro virou um filme de terror!

Violência sem fim!

Saúde inexistente!

Educação vergonhosa!

Aposentados passando fome!

Estamos em um caos total!

OLÍMPIADAS?

Só se for para gringo.

### 3 Linguagem e conflito

O filósofo Martin Heidegger cunhou uma frase que se tornou conhecida para além do campo filosófico: “A linguagem é a morada do ser”. Ampla residência essa que abriga nosso próprio ego e todos os demais seres com que mantemos contato e, por isso, tornam viável nossa existência. Como ponte entre o sujeito e o mundo da vida, a linguagem talvez seja o código mais amplo de tipificações, com regras comuns que são moldadas a partir das apropriações e dos usos subjetivos. “A vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes” (Berger & Luckmann, 1966/ 2013; p.56).

Mais do que um mero meio, a expressão linguística, como técnica de partilhamento e de apreensão/ difusão de conhecimentos e perspectivas pessoais, tem um viés próprio para a sedimentação/ alteração do social. “A linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística (...) Ainda mais, a linguagem fornece os meios para a objetivação de novas experiências” (Berger & Luckmann, 1966/ 2013, p.93). Essa característica própria da

<sup>10</sup> “In short, within the natural attitude I do not act only within a biographically determined hierarchy of plans. Rather, I also see typical consequences of my acts which are apprehended as typical”.

língua é deixada de lado no estudo da Comunicação Social. “A linguagem tem sua origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta” (Berger & Luckmann, 1966/ 2013, p.93). Nada mais atual para a situação vivida nas redes sociais em meio virtual.

O recurso linguístico enfatiza crenças, inicialmente aquelas relativas que temos de nós próprios.

Ora, ao objetivar meu próprio ser por meio da linguagem, meu próprio ser torna-se maciça e continuamente acessível a mim, ao mesmo tempo em que se torna assim alcançável pelo outro. (...) Essa capacidade da linguagem de cristalizar e estabilizar para mim minha própria subjetividade é conservada (embora com modificações) quando a linguagem se destaca da situação face a face. (Berger & Luckmann, 1966/ 2013; p.56)

A ressalva proposta pelos autores “embora com modificações” é fundamental para entendermos as particularidades que envolvem os diálogos em mídias sociais e os diferenciam em relação à conversação olho no olho. Na rede social virtual, ainda que os emissores de cada enunciado estejam identificados por seus perfis sociais, impõe uma espécie de anonimato pela distância física em que se encontram os personagens. Esse distanciamento é, essencialmente, propositivo de indisposições. Ao analisar o papel do conflito na sociedade, Simmel, em um texto de mais de 100 anos, exemplifica sua importância ao comparar com a situação vivida na metrópole, que seria outra que não aquela que conhecemos se só houvesse simpatia e comunhão. “A antipatia é a fase preliminar do antagonismo concreto que engendra as distâncias e as aversões, sem as quais não poderíamos, em absoluto, realizar a vida urbana” (1983; p. 128). Essa compreensão é fundamental para entendermos, também, a profusão de conflitos que se estabelecem em ambiente digital, tão próximo que é da definição de Schütz (1979) para o “mundo dos contemporâneos”, o *Mitwelt*. Se no distanciamento anônimo das redes tecnológicas preponderasse a harmonia absoluta, tal atividade, a de frequentá-las e manifestar-se por meio delas, seria monótona e meramente conectiva, sem nenhum espaço para debates.

A introdução de novos elementos, quais sejam, é em si, desestabilizadora de antigas crenças depositadas no estoque de conhecimento pessoal de cada um. “Na atitude natural, eu só me torno consciente do tom deficiente do meu estoque de conhecimento se uma nova experiência não se encaixa no que era até o momento válido dentro do esquema do mundo tomado como dado” (Schütz & Luckmann, 1973; p.8).

Poderíamos dizer que, na situação face a face, dado o inusitado das ponderações do outro com quem interagimos, as tipificações exigem maior rapidez e, portanto, tornam-se pouco propícias ao aprofundamento reflexivo. Ainda que conserve muitas características similares às da oralidade, a interação mediada por dispositivos tecnológicos pressupõe a temporalidade atinente ao ordenamento cognitivo da escrita, tão bem relatado por Schütz. Mesmo permeadas pela coloquialidade e pelo despojamento inerente das mídias sociais, essas mensagens vêm impregnadas de sentidos mais amplos, que colocam em perspectiva até mesmo os desideratos de cada indivíduo quanto aos destinos do país. Ao contrário do que se pode pensar, o conflito, então, deve ser entendido como fator que agrega ao todo. “Aquilo que à primeira vista parece desassociação [a antipatia e o conflito na vida urbana] é, na verdade, uma das formas elementares de socialização”, destaca Simmel (1908/ 1983; p. 124). O conflito seria uma outra face da harmonia e, portanto, configuraria a unidade que possibilita uma estabilidade social. Pode-se entendê-lo, no entanto, como um meio revelador de posições contraditórias que, uma vez expostas a partir de conexões associativas e repulsivas entre os membros, corroboram para que a sociedade avance organicamente em torno de seus temas cruciais e que, em última instância, lhe definem existencialmente.

#### **4 Civismo em rede social**

Ao escapar da perseguição nazista na Europa conflagrada da Segunda Guerra Mundial e chegar ao Brasil, o escritor austríaco Stefan Zweig assim descreveu o país que o acolheu em seus últimos dias de vida:

Algo de inverossímil e de benfazejo envolve aquele que acabou de fugir da absurda loucura da Europa: a total ausência de qualquer hostilidade na vida pública e na privada. (...) Todas as contradições, mesmo no campo social, são significativamente menos acentuadas (2008; p. 20).

Naqueles tempos conturbados, o romancista enxergou no país de dimensões continentais e cultura multifacetada um exemplo de união, estabelecido, segundo ele, por valores morais mais elevados. “Falta à alma brasileira qualquer traço de brutalidade, violência, veemência, tudo o que é grosseiro, presunçoso e arrogante” (Zweig, 2008; p. 129).

A suposta cordialidade do brasileiro vem sendo um tema histórico de controvérsias nas ciências sociais e também fora delas. Muitas podem ser as abordagens

a essa problemática. Nessa polêmica, é comum a distorção em relação à concepção do tipo formulado por Sérgio Buarque de Holanda, o “brasileiro cordial”. Difundi-se, largamente, uma definição errônea desse epíteto, assemelhada àquela preconizada por Zweig, de que o brasileiro seria pacífico nas relações sociais e, isso, um fator de diferenciação em relação às demais nacionalidades. Nada mais equivocado, como explica Antonio Cândido no prefácio de *Raízes do Brasil*:

O homem cordial não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas. (...) O homem cordial é visceralmente inadequado às relações impessoais (1967/ 1995; p. 17).

A explicação se daria já pela raiz etimológica do termo cordial, derivado do latim *cor*, relativo a coração. Assim, o brasileiro estaria tendendo à emoção passional, para o bem e o mal, amor ou ódio, em detrimento à norma e a hierarquia que são necessárias a uma ordem coletiva satisfatoriamente estruturada.

Mais uma vez, vê-se um clássico como atual: a realidade binária proposta pelas redes sociais digitais, com seus fatores coercitivos como o tempo e o algoritmo, além da distância física do interlocutor, tornam-se o ambiente propício para o brasileiro exercitar sua passionalidade cordial, extravasando sentimentos em concepções de mundo a respeito dos mais diversos assuntos, especialmente àqueles tangentes ao seu futuro próximo, ou seja, os destinos políticos e a própria organização do país. A disponibilidade de um outro antagonista aos meus princípios também completa essa fórmula ideal de combustão social um tanto quanto caótica, mas, ao mesmo tempo, controlada e, até pelas imposições técnicas, previsível.

Na postagem analisada, a maior parte dos comentários corrobora a visão proposta pelo usuário J.E.O, anteriormente mencionado, de que, se fizer história, o país se destacará pelos seus aspectos negativos. Alguns são irônicos, como W.L.



**W.L.** Sim fará história como a copa , obras inacabadas com suspeita de superfaturamento ,estádios sem serventia alguma, e os 7×1 é claro.

As dissonâncias, no entanto, aparecem:



**C.N.** mentira ves querem e estragar a festa do pt, pq nao falam de berlim que era nazista e muito pior e sediou uma olimpiada.

Como bem ressalta Simmel (1908/1983), a história é pródiga em exemplos de nações que se formaram e fortificaram a partir de conflitos. Ele cita o caso das nações da Europa Central do século XIII (dessa época também é a Magna Carta da Inglaterra, que limitava o poder absoluto do monarca e serviu de referência para constituições posteriores) em que grupos de fidalgos, membros da corte, formavam uma espécie de conselho do rei, mas também exerciam uma vigilância oposicionista.

Geralmente, na medida em que o problema é a cristalização de instituições, cuja tarefa é resolver o problema crescentemente complexo e intrincado do equilíbrio no interior de um grupo, muitas vezes não é claro se a cooperação de forças em benefício do todo toma a forma de oposição, competição ou crítica, ou de explícita união e harmonia (Simmel, 1908/1983; p. 131).

No Brasil, de uma forma rudimentar, pode-se dizer que a oposição e a crítica, que exigem certa maturidade democrática, não são bem recebidas como agregadoras. Mais comum talvez seja a competição de grupos em torno do controle do Estado e do poder daí advindo, sejam oligarquias, grupos econômicos oligopolistas, classe política ou mesmo, em menor escala, corporações de servidores públicos. Na ausência de meios tradicionais de expressão democrática, as redes sociais agora assumem uma nova função para as manifestações coletivas enunciativas de projetos.<sup>11</sup>

O fenômeno não é novo. De certo modo, parecemos viver um momento assemelhado àquele bem identificado por Wainberg (2001), de expansão da comunicação massiva entre as décadas de 1920 e 1950 no país: "na verdade, no novo contexto de redes sofisticadas que se interligam, os brasileiros têm o que partilhar. O objeto do Brasil tornou-se o Brasil" (2001; p.14).

Aparte a exasperação que inflama determinados diálogos, também em função de se dispor de uma ferramenta que ainda é nova e, por isso, geradora de tensões, os embates podem ser tomados como oportunidade de mudanças. Como visto, são a novidade e o antagonismo os meios mais revolucionários para o abalo de um sistema de crenças, ou uma contingência socialmente estabilizada. É a introdução de elementos novos que enseja a reflexão. A inquietação manifestada por Correia (2005) já parece mais próxima de uma solução: "Como é possível trazer os sistemas de relevâncias dos movimentos cívicos para junto dos sistemas de relevâncias do homem comum? Será

---

<sup>11</sup> Em 1941, Stefan Zweig notava que "Para o Brasil que passou trezentos anos dependente e tutelado, os direitos parlamentares e a liberdade de imprensa são coisas muito novas, que deixam todos inebriados", (1941/ 1995; p. 71)

possível que o homem comum se transforme em ativista cívico?” (2005, p.140). O usuário S.B. dá um belo exemplo de resposta:



**SB NÃO HAVERÁ OLIMPIADAS!!!**

Vamos apagar a tocha olímpica e protestar durante os jogos contra a corrupção e alienação no Brasil!!! Compartilhe essa mensagem se vc também é contra essa forma de distrair o povo roubando com obras superfaturadas!!!

O que se procurou analisar neste texto é justamente, nas palavras de João Carlos Correia, “como é que os cidadãos vulgares entram em processos de cooperação e conflito com vista alinhar os seus esquemas de experiência, tornando-os protagonistas de uma tentativa de mudar uma ordem dominante?” (2005, p. 141). A realidade contemporânea das redes sociais responde à questão. As primeiras décadas do século XXI relegam, cada vez mais, à medida que decorre o tempo, as ideologias e as utopias, outrora mobilizadoras, a um passado, nostálgico para muitos. No pragmatismo da atualidade, o alinhamento com outras províncias de significado, ainda que por meio conflituoso, e a contraposição entre um subuniverso de crenças individual com os dos outros, afiguram-se, como a mudança social mais viável.

### Referências bibliográficas

- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade – Tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis Vozes, 1966/ 2013.
- CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- HALAVAIS, Alexander. Prefácio In: Fragoso, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INNIS, Harold. **O Viés da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KIELING, Camila. Contribuições da Sociologia Fenomenológica de Alfred Schutz para a Comunicação. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 18, n. 1, 2014.
- LELO, Thales Vilelo; CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Alfred Schütz e a Comunicação: Contribuições Epistemológicas e Conceituais para o Estudo das Interações Sociais. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2013.
- SANTOS, Hermílio. Ação, relevância e interpretação subjetiva. Recife: **Estudos de Sociologia**, UFPE, v. 1, 2012.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Structures of Life-World**. Evanston: Northwestern University Press, 1973.
- SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do Conflito. In: Moraes Filho, **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.
- WAINBERG, Jacques. **Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica: telecomunicação e o Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- ZWEIG, Stefan. **Brasil, um País do Futuro**. Porto Alegre: LP&M, 2008.